BOLA DE NEVE
RICARDO ARAÚJO PEREIRA

Um português, um francês e um inglês operam uma importante mudança sócio-económica

10.10.2013 | 21:00
0 Comentarios

O humor de pessoas que acreditam que o humor tem muito poder parece ser bastante elevado. É certo que, maravilhando-se as pessoas com grande variedade de humor, como ilustrámos na crónica anterior, mas ainda assim é muito pouco. Costuma dizer-se que o humor é a arma dos fracos. Não admira: os fracos não conseguem ter armas de outros armas. E precisamente por isso, não, que são fracos. E isto é o facto de recorrerem ao humor que os torna fortes.

O humorista americano Lewis Black foi uma vez confrontado com o facto de alguns académicos considerarem que os programas de sátira política deterioravam comportamentos políticos. Black respondeu à aeromoçadeira: "Sim, primeiro, diga a esses académicos que se não fizer (ele opta por outro verbo)... A seteiro, diga-lhes que isso é uma treta. (...) Se a sátira fosse de facto importante a esse nível, como um modo de conseguir fazer coisas, então mais coisas estariam a ser feitas. Tudo o que produz é rivo (...)." Black era colaborador frequente do programa The Daily Show, Jon Stewart, apresentador do programa, e Stephen Colbert, outro colaborador regular, deliberaram por diversas vezes a mesma ideia. Em 2006, Colbert criou a revista Feeling Stone que é fonte de o seu trabalho ser apreciado pelas pessoas não significativas que fomos eleitas políticos. Stewart acrescentou: "Do que me diz uma agenda de mudança social. Não sonos guerreiros no exército do ninguém."

O problema ter o seguinte: a certa altura, um jornalista noticiou que, de acordo com deterioriado estudo, os jovens americanos obtinham tudo a sua informação em programas como o do Jon Stewart. Ao ver,não, não só o estudo disse algo muito diferente disso, como vários estudos posteriores desmentiram completamente esses dados que exemplo: "Disparitiy Lata Night Fitlyfm", do Fouig, e "Stoned Slackers on Super-Cliqueiro? The Daily Show Viewing and Political Engagement of Young Adults", de Jonathan Cohen e Jeffrey Jones. Mas o que importa é que a ideia de que o humor é uma arma dos políticos do Jon Stewart estava decretada. Foi considerado o mais ocultante crítico de George W. Bush. Passou a ser incluído nas listas das personalidades mais influentes do mundo da revista Time. A indução de telenotícias foi tomou o lar um programa cómico mas de verdíricia conversadora, para equilibrar o poder do liberal The Daily Show. Em Setembro de 2004, o comentador conservador Bill O'Reilly convidou Stewart para o seu programa e disse-lhe: "Sabes o que é assustador? Tu não te ri. Ok, tu não, mas... Tu não, influencia nestas eleições." Um mês e meio depois, George W. Bush saria reeleito, obtendo mais dez milhões de votos do que na sua primeira eleição.

A semana que passou foi bastante reveladora quanto ao poder do humor e à possibilidade de controlar os seus efeitos. A ironia Leonor Teles ganhou um Urso de Ouro para melhor curta-metragem pelo filme Balada de um batráquio, que fala de uma estratégia usada por alguns comerciantes: colocar um sapo de porcelana à porta dos estabelecimento, para afastar clientes cigarros. Depois de saber do prémio, Leonor Teles disse: "O melhor foi ver as pessoas a rirem-se com o filme, a divertirem-se. Ri-se muito ao ver." A imprensa leu-o e riu. Um jornal perguntou: "Qual ter um papel numa eventual aproximação entre os cigarros e o mundo da sociedade?" Leonor Teles respondeu: "Eu não! Fui o filme. O que há a fazer é as pessoas irem ver o filme e tirarem dele o que bem entenderem. Não me cabe a mim ser a voz do filme." Mas a ideia de que o humor pode ser uma arma dos fracos parece ter sido confirmada pelo "escândalo" do Urso. Nomeadamente: O Urso a gorge Moustrou a angu fugu, no Público: "Mesmo que de para o filme não tenha nada." E noutro texto, redorgrou: "É evasivo por isso que Balada de um batráquio não é porno nem sexo." Ter DN, o editorial disse: "Não, Leonor, parecer é evidente que se pode dizer de quem pile sapos nas esquinas para afastar seja quem for." E apontou Leonor Teles como uma dos nomes que "não deixam para os mais velhos o desconforto do mundo e o irrigatório de fazer algo para mostrar, para revolar". De facto, as coisas mudaram. No dia seguinte, o JN esclarecia na capa: "Venda de sapos de loja dispara." Alguns comerciantes que ainda não sabiam que os cigarros tinham uma superstição com sapos fizeram a saber pela filme, e foram esgotar os stocks de batráquios de porcelana. Um dia negro para quem acredita que os problemas sociais se resolvem à força de curtas-metragens humorísticas. Mas ainda bom dia para quem gosta de cinema, porque o filme é bom.

Expresso Digital
1€ por semana
APROVEITE AGORA

COMENTÁRIOS

3 COMENTÁRIOS | 1 Pessoa | Iniciar sessão
Recomendar | Partilhar | Mostrar primeiro os mais votados

Comece o seu comentário...

Não é preciso dizer isto, eu sei. Negros, indígenas, ou chineses, ou ciganos, ou judeus, são sempre excepções. Por exemplo, o Obama, que não pode ainda ser chamado "o que publicou" o "o que publicou tese" (economia, tanto, não, também, o Professor Marcelo. Essa tese teve pouca influência e também que a tese pelo mito portugueses tinham sobre a figura do Sebastião. Mas, enquanto que o Obama é um exemplo de um negro que ultrapassou todos os preconceitos, ninguém, ninguém, ninguém